



⁷ Esse pensamento foi bem desenvolvido por Gabriel Marcel, notadamente em sua belíssima obra "*Homo Viator*", em resposta ao "*L'Être et le Néant*" de Jean Paul Sartre.

⁸ *Confessionum libri tredecim* ("Confissões"): I, 1.

⁹ Sl 33,5; 103,11.

¹⁰ Ex 34, 6; Sl 40,12;89,15.

¹¹ Sb 7, 2b.

¹² Tt 3,4.

¹³ Rm 2,4.

¹⁴ Ef 2,7; Cl 5,22.

¹⁵ Agostinho: "*De Ordine*", 2,5.

¹⁶ Agostinho: "*Epistolae*", 130, 2,3.

¹⁷ Mt 19, 16-22; Lc 18,18-23; Mc 10,17-22.

¹⁸ Cf. Maldonado e Knabenbauer.

¹⁹ **Justino**, "*Dialogus*", 51; **Irineu**: "*Contra Haereses*", V, 20; **Origenes**: "*In Ioannem*", I, 35; II, 13.

²⁰ Jo 15,13.

Endereço do Autor:

Residência Episcopal
Rua Esteves Junior, 447
88015-530 Florianópolis - SC

O artigo, percorrendo as várias etapas da revelação bíblica, aprofunda a definição que encontramos quase no final do Novo Testamento, numa das cartas do Discípulo Amado - Deus é Amor - e termina refletindo sobre a "graça e responsabilidade" que temos, de saber-nos amados.

Deus é Amor

Dom Murilo S. R. Krieger
Arcebispo de Maringá





Foi feita recentemente uma pesquisa envolvendo quinhentas pessoas. Dentre as perguntas, destaco a seguinte: *O que é necessário para alguém ser feliz?*

Nas respostas, 28% disseram que é necessária a realização profissional; 25% responderam que o mais importante é ter dinheiro; 21% apontaram a companhia da pessoa amada como base da felicidade; 20% apresentaram a família unida como condição para a felicidade; e 6% deram outras respostas.

Não sei quais foram essas outras respostas. Surpreende-me, contudo, que não tenha sido mencionada – ou por quem fez as perguntas ou por quem as respondeu – a questão da fé. Por isso mesmo, nasceu em meu coração outra pergunta: a atual geração de jovens e adultos tem tido condições de fazer uma opção por Deus – isto é, de descobrir seu rosto e de se definir a favor ou contra ele?

Ninguém ama o que não conhece. Aqui está o centro do problema. Para conhecer melhor o rosto daquele que se revelou a Moisés, a Davi, aos profetas e, ultimamente, em Jesus Cristo, aos apóstolos, convido-o a debruçar-se sobre uma experiência concreta de Deus: a do apóstolo e evangelista João.

“*Deus é Amor!*”, João proclamou solenemente em sua Primeira Carta. E, para que não ficassem dúvidas do que queria dizer, repetiu-o duas vezes: “*Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor*” (1Jo 4,8); “*Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele*” (1Jo 4,16).

Este é o ponto mais alto da revelação. Mas até ele houve uma longa caminhada.

Usamos com muita facilidade a palavra amor, embora o risco seja evidente. Para um egoísta, significa a realização de seus interesses ou a resposta a seus instintos, mesmo que à custa do sofrimento de muitos. Para uma mãe, expressa doação, alegria e satisfação pelo dever cumprido em favor do filho.



Também o homem bíblico percebeu e conheceu diferentes tipos de amor. E, em seu coração, foram nascendo algumas perguntas que podem ser assim resumidas: Deus, tão grande e tão puro, pode abaixar-se a ponto de amar o homem pequeno e pecador? Se Deus aceita amar o homem, como poderia o homem responder a seu amor? Qual a relação entre o amor de Deus e o amor dos homens?

Ao longo da história da humanidade, perguntas semelhantes foram feitas pelos mais diversos povos. E as respostas variam muito. Lembro as que representam os dois extremos: para uns, o amor de Deus é totalmente inacessível, dada a sua grandeza, sua santidade, seu poder etc.; para outros, Deus está tão próximo dos homens que passa a ter até seus defeitos. Não foi isso o que aconteceu com o povo grego, para quem os deuses viviam brigando entre si, dominados que estavam pelo ciúme, pela inveja e pela ganância?

O amor no Antigo Testamento

Seria interessante, antes de se debruçar sobre o evangelista São João, percorrer, mesmo que rapidamente, o caminho de nossos irmãos do Antigo Testamento. Recordemos alguns momentos de sua história:

- **A Criação:** seus relatos, nos primeiros capítulos do Gênesis, não trazem a palavra amor. Percebe-se, porém, que Adão e Eva estavam envolvidos pela bondade de Deus que queria lhes dar alegria, paz e liberdade.

Com o pecado, a bondade de Deus se manifestou a eles sob a forma de misericórdia. Deus lhes acenou com a salvação: “*Então o Senhor Deus disse à serpente: “(...) Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”* (Gn 3,14a-15).

Para formar um povo do qual haveria de nascer seu enviado, Deus escolheu amigos e confidentes, como, por exemplo:

- **Abraão:** chamado dentre os pagãos (cf. Gn 12,1s.) para se tornar seu amigo (Is 41,8), a ele Deus confiou seus segredos (cf. Gn 18,17). Abraão respondeu às exigências do amor divino: a seu chamado, foi capaz de deixar a própria pátria (cf. Gn 12,1) e – supremo gesto de confiança! - dispôs-se a sacrificar seu único filho (cf. Gn 22). Sua fidelidade total ao Senhor foi largamente recompensada: “*Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu, e como a areia na praia do mar*” (Gn 22,17);



- **Moisés:** sua missão foi exercida numa constante tensão: de um lado fazia a experiência da santidade de Deus; de outro, era envolvido pelo pecado do povo. Cresceu na intimidade com Deus, que se entretinha com ele numa grande familiaridade (Ex 33,11).

- **Os Profetas:** tornaram-se confidentes de Deus, sentindo-se pessoalmente amados por ele (cf. Am 3,7; 7,15). Oséias, Jeremias e Ezequiel testemunharam o carinho e a paixão de Deus por seu povo, recebendo, em troca, ingratidão e traição. Como o amor é mais forte do que o pecado (cf. Os 11,8), Deus mostrou-se sempre pronto a perdoar o pecado de seu povo, dispondo-se mesmo a dar-lhe um novo coração (cf. Ez 16,60-63; Jr 31,3-20; Os 2,21s).

- **Deuterônimo:** este livro chama a atenção do povo escolhido para a gratuidade do amor de Deus (cf. 7,7). Em resposta, ele deve amá-lo de todo o coração (cf. 6,5), em atos e obediência (cf. 11,13; 19,9), numa opção radical (cf. 4,15-31). Para isso, não lhe faltará a ajuda divina (cf. 30,6).

- **Amor eterno e pessoal:** além de eterno (*"Amo-te com eterno amor, e por isso a ti estendi o meu favor"* – Jr 31,3), o amor de Deus é pessoal: Ele *"ama a justiça e não abandona seus fiéis"* (Sl 36 [37], 28^a); *"ergue os abatidos, ama os justos, protege os peregrinos, ampara o órfão e a viúva"* (Sl 145 [146], 8-9). Tem uma atenção especial pelo pobre e pequeno: *"Quem se compara ao Senhor, nosso Deus, que tem seu trono nas alturas, e do alto olha o céu e a terra? Ele levanta do pó o indigente e tira o pobre do monturo, para, entre os príncipes, fazê-los sentar, junto dos grandes de seu povo"* (Sl 112 [113], 5-9).

O amor no Novo Testamento

Mais do que falar, Deus envia seu Filho ao mundo; fala-nos através dele, que é sua Palavra: *"No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus... E a palavra se fez carne e habitou entre nós"* (Jo 1,1 e 14a). Jesus é, pois, a revelação concreta do amor.

A vinda de Jesus é a mais bela expressão do amor do Pai. Nada pode ultrapassar esse gesto. Deus nos deu seu Filho para que tivéssemos a vida eterna. Quem nele não crer, e amar mais as trevas, se condenará (cf. Jo 3,18).

Para Jesus, amar era antes de tudo, fazer a vontade do Pai: *"Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir sua obra"* (Jo 4,34); *"Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade*



daquele que me enviou" (Jo 6,38). Doou-se a todos (cf. Mc 10,45); passou a vida *fazendo o bem* (cf. At 10,38; Mt 11,28ss), no desapego total (cf. Lc 9,58); deu atenção a cada pessoa com quem se encontrou, privilegiando, porém, as mais desprezadas e necessitadas (cf. Lc 7,36-50); 19,1ss). Escolheu e *chamou aqueles que quis* (cf. Mc 3,13) para fazer deles seus amigos (cf. Jo 15,15ss).

O amor de Jesus pede reciprocidade (cf. Mt 22,37); amando-o, amase ao Pai (cf. Mt 10,40) e entra-se no mistério do Deus-Trindade – o dom recíproco e eterno do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O amor em São João

A convivência dos apóstolos com Jesus deu-lhes a possibilidade de conhecer não apenas suas palavras e milagres, sua maneira de atender as pessoas e seu modo de rezar, mas possibilitou conhecer o seu Coração, a sua intimidade e os seus segredos mais íntimos. É justamente essa experiência pessoal de Deus, em Jesus Cristo, que São João procura nos transmitir em seus escritos.

Esse apóstolo teve uma grande amizade com Jesus, a ponto de se referir a si mesmo com a expressão: *"O discípulo a quem Jesus amava"* (Jo 13,23). Esteve presente no monte Tabor e viu Jesus transfigurado (cf. Mt 17,1ss); na véspera da Paixão, vamos encontrá-lo no Horto das Oliveiras, embora tenha dormido, como os outros apóstolos (cf. Mt 26,36ss.); no Calvário, foi o único apóstolo presente (cf. Jo 19,26). Na alegre manhã da Ressurreição, teve a graça de ser um dos primeiros a ver o sepulcro vazio (cf. Jo 20,2). Foi, por isso mesmo, uma testemunha privilegiada de Cristo Ressuscitado.

Calcula-se que tenha morrido pelo ano 98; assim, após a vinda do Espírito Santo, viveu cerca de sessenta anos.

Seu Evangelho, suas três Cartas e o Apocalipse foram escritos no final do século I e procuram ressaltar que quem escreve é uma testemunha, isto é, alguém que viu e ouviu o que descreve: *"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam no tocante ao Verbo da vida – (...) – o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco"* (1Jo 1,1 e 3). *"Nós vimos e testemunhamos que o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo"* (1Jo 4,14).

Assim, quando o evangelista João nos apresenta Deus, o faz a



partir de sua experiência pessoal de Jesus Cristo. Estava convicto de que *“ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou”* (Jo 1,18).

Foi, pois, após três anos de convivência direta com Jesus, e após a vinda do Espírito Santo, o início e a expansão da Igreja, muitos anos de pregação, que João proclamou, como que num grito que deveria chegar a todos os recantos da terra e a todos os corações: DEUS É AMOR!.

O amor supera limites

Deus é amor! Quando esta verdade entrar em nossa vida como entrou na de São João, tudo mudará porque descobriremos que Deus está presente em toda a parte e em tudo o que é importante para nós. Ele participa de nossas alegrias e tristezas, das situações dolorosas e decepcionantes, dos momentos de solidão e de festa. Crer que Deus é amor significa descobrir que ele nos ama como somos hoje, agora.

Dessas afirmações podem nascer duas questões:

(1) Será possível que também nos momentos de dor Deus se manifeste como amor? Poderia responder apresentando uma tese teológica. Prefiro lembrar um testemunho: *“Em tudo somos oprimidos, mas não sucumbimos: Vivemos em completa penúria, mas não desesperamos. Somos perseguidos, mas não ficamos desamparados. Somos abatidos, mas não somos destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo. Estando embora vivos, somos a toda hora entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus apareça em nossa carne mortal”* (2Cor 4,7-10).

(2) Poderá Deus amar o pecador? Do ponto de vista humano, não é possível imaginar que o infinitamente Santo e Perfeito ame a criatura limitada e ingrata. A verdade é que Deus não nos ama apesar do pecado; justamente por causa do pecado é que desceu até nós: *“Quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós”* (Rm 5,8). Estávamos mortos e ele nos deu a vida (cf. Ef 2,4-5). Mais: Jesus nos assegura que o Pai faz festa quando o filho pródigo volta para seus braços (Lc 15,32). Seu nome é, justamente, *“Pai das misericórdias”* (2 Cor 1,3).

Para o apóstolo Paulo, o que dava sentido a seus trabalhos, lutas e dificuldades era a certeza de que, no final, Deus o ressuscitaria, como ressuscitou seu Filho Jesus. O resto é resto, porque passa (cf. 1Cor 7,31). É



necessário ter consciência de que por trás de tudo o que acontece está Deus. O importante é descobrir sua presença (cf. Rm 8,28). O próprio Jesus já havia deixado claro que nada ocorre sem que o Pai queira ou permita: *“Até os cabelos de vossa cabeça estão todos contados”* (Mt 10,30).

A graça e a responsabilidade de saber-se amado

“Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta... Considerai como crescem os lírios do campo...” (Mt 6,26 e 28). Um Pai que cuida com carinho imenso das aves e dos lírios, o que não fará por nós, seus filhos?

É uma graça especial saber-se infinitamente amado por Deus. Ele nos ama porque é amor. Já que Deus é amor, como não confiar nele? Como não abandonar-se em suas mãos? *“Confiai-lhe todas as vossas preocupações, porque ele tem cuidado de vós”* (1Pd 5,7).

Cada um de nós é filho de um Pai que está nos céus e que nos ama imensamente; somos convidados a amá-lo, porque ele nos amou primeiro. Essa verdade é uma luz e uma força que nos darão condições de amar a Deus sobre todas as coisas.

Faz parte de nossa missão ajudar os outros a descobrir esta verdade. Todos têm direito de viver em função dela. *Deus é amor!* Temos um Pai que jamais se esquece de nós; ao contrário, acompanha continuamente nossos passos, com amor. Convicto de que devia fazer desse anúncio a razão de ser de sua vida, o apóstolo Paulo exclamou: *“Ai de mim se não evangelizar!”* (1Cor 9,16). Isto é: ai de mim se não transmitir aos que estão longe de Deus a Boa Nova que ouvi e que deu novo sentido à minha vida; ai de mim se não levar aos que não conhecem, aos que sofrem, aos que vivem tristes e angustiados, aos que não têm razões para viver ou lutar, a certeza que enche meu coração de um fogo que queima sem cessar: *“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam no tocante ao Verbo da vida – (...) - o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos... DEUS É AMOR”* (1Jo 1,3; 4,16).

Endereço do Autor:

Cúria Diocesana
Cx. Postal 152
87001-970 Maringá - PR